

**O PODER
DOS SEIS**

O PODER DOS SEIS

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO DOIS

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2011 Pittacus Lore

TÍTULO ORIGINAL
The Power of Six

PREPARAÇÃO
Leonardo Alves

REVISÃO
Shirley Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L864p

Lore, Pittacus

O poder dos seis / Pittacus Lore ; tradução Débora
Isidoro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

320p. : 23 cm. (Os Legados de Lorien ; v. 2)

Tradução de: The power of six
ISBN 978-85-8057-121-9

1. Literatura infantojuvenil americana. I. Isidoro,
Débora. II. Título. III. Série.

10-6261.

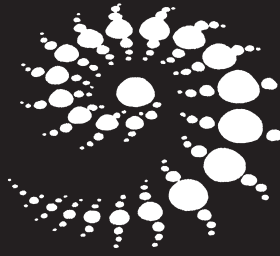
CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

CAPÍTULO UM

MEU NOME É MARINA, A QUE VEM DO MAR, MAS LEVOU muito tempo até que eu fosse chamada assim. No início eu era conhecida apenas como Sete, uma dentre os nove Gardes sobreviventes do planeta Lorien, cujo destino foi depositado, e ainda é, em nossas mãos. Nas mãos daqueles de nós que não foram perdidos. Daqueles que ainda vivem.

Eu tinha seis anos quando aterrissamos. Quando a nave pousou com um solavanco na Terra, mesmo sendo tão jovem, eu pressentia quanta coisa havia em jogo para nós — nove Cêpans, nove Gardes — e que nossa única chance estava aqui, à nossa espera. Tínhamos entrado na atmosfera do planeta em meio a uma tempestade que nós mesmos criáramos, e eu me lembro, enquanto nossos pés tocavam o solo terrestre pela primeira vez, dos pequenos jatos de vapor que a nave liberava e do arrepião que eriçou os pelos de meus braços. Eu não sentia o vento havia um ano, e fazia muito frio do lado de fora. Alguém esperava por nós. Não sei quem era; sei apenas que entregou a cada Cêpan duas mudas de roupa e um envelope grande. Até hoje não sei o que havia ali dentro.

Permanecemos próximos uns dos outros, em grupo, cientes de que talvez nunca mais nos víssemos de novo. Palavras foram ditas, abraços foram trocados, e depois nos separamos, como sabíamos que era necessário, e caminhamos aos pares em nove direções. Fiquei olhando por

cima do ombro, vendo os outros se afastarem, até que, pouco a pouco, um de cada vez, todos desaparecessem. E então ficamos apenas Adelina e eu, andando sozinhas por um mundo do qual não sabíamos quase nada. Hoje compreendo quão assustada Adelina devia estar.

Lembro-me de embarcar em um navio cujo destino eu desconhecia. Lembro-me de dois ou três trens diferentes depois disso. Adelina e eu ficávamos quietinhas, abrigadas em cantos escondidos, afastadas de quem quer que estivesse à nossa volta. Caminhávamos de cidade em cidade, atravessando montanhas e campos, batendo a portas que logo eram fechadas em nossa cara. Estávamos com fome, cansadas e com medo. Lembro-me de me sentar em uma calçada, implorando por algum dinheiro. Lembro-me de chorar em vez de dormir. Tenho certeza de que Adelina trocou algumas de nossas pedras preciosas de Lorien por nada mais que refeições quentes, tamanha era nossa necessidade. Talvez ela tenha dado todas as pedras. E então encontramos este lugar na Espanha.

Uma mulher de aparência austera que vim a conhecer como irmã Lucia veio até a pesada porta de carvalho. Olhou atentamente para Adelina, observando seu desespero, a maneira como seus ombros estavam caídos.

— Vocês acreditam na palavra de Deus? — a mulher perguntou em espanhol, comprimindo os lábios e analisando-nos com olhos estreitos.

— A palavra de Deus é meu voto — Adelina respondeu com um aceno solene. Não sei como ela sabia essa resposta, talvez a tivesse aprendido quando ficamos no porão de uma igreja, semanas antes, mas era a resposta certa. Irmã Lucia abriu a porta.

Estamos aqui desde então, onze anos neste convento de pedra com seus aposentos mofados, corredores cheios de correntes de ar e com piso duro que parece blocos de gelo. Sem contar os poucos visitantes, a Internet é minha única fonte de informação do mundo para além dos limites de nossa pequena cidade; e eu a vasculho constantemente em busca de alguma indicação de que os outros estão lá fora, de que estão procuran-

do, talvez lutando. Algum sinal de que não estou sozinha, porque a essa altura não posso dizer que Adelina ainda acredite, que ainda esteja comigo. Sua atitude mudou em algum ponto da travessia das montanhas. Talvez tenha sido quando bateram uma daquelas portas diante de nós e deixaram ao relento uma mulher faminta e sua filha por mais uma noite. O que quer que fosse, Adelina parece ter perdido de vista a necessidade de continuar em movimento, e sua fé no renascimento de Lorien parece ter sido substituída pela fé que as irmãs do convento compartilham. Eu me lembro de uma mudança nítida nos olhos de Adelina, e de seus súbitos discursos de que precisaríamos de orientação e estrutura se quiséssemos sobreviver.

Minha fé em Lorien permanece intacta. Há um ano e meio, quatro pessoas viram um menino mover objetos com a força da mente na Índia. Embora a importância dispensada ao acontecimento tivesse sido pequena a princípio, o repentino desaparecimento do menino logo depois causou muita comoção na região, e iniciou-se uma busca. Até onde sei, ele não foi encontrado.

Há alguns meses surgiram notícias de uma garota na Argentina que, após um terremoto, ergueu uma laje de concreto de cinco toneladas para salvar um homem que estava preso ali embaixo; e, quando a notícia desse ato heroico se espalhou, ela sumiu. Como o menino na Índia, ela ainda está desaparecida.

E também há a dupla de pai e filho de que se tem falado em todos os noticiários de Ohio, nos Estados Unidos, que está sendo caçada pela polícia depois de supostamente ter destruído uma escola inteira sem qualquer auxílio, matando cinco pessoas. Eles não deixaram nenhum rastro, exceto misteriosos montinhos de cinzas.

“Parece que aconteceu uma batalha aqui. Não sei como explicar de outra maneira”, teria declarado o líder da investigação. “Mas podem ter certeza de que vamos solucionar esse caso, e encontraremos Henri Smith e seu filho, John.”

Talvez John Smith, se é que esse é seu nome verdadeiro, seja só um garoto revoltado que ultrapassou os limites. Mas não acho que seja o caso. Meu coração dispara sempre que sua foto aparece na tela. Sou dominada por um desespero profundo que não consigo explicar. Posso sentir, em meu âmago, que ele é um de nós. E de algum jeito sei que preciso encontrá-lo.

CAPÍTULO DOIS

APOIO-ME COM OS BRAÇOS NO PARAPEITO FRIO DA janela e vejo a neve que cai do céu escuro sobre a montanha coberta de pinheiros, carvalhos e faias, entremeadas por trechos de rocha escarpada. A neve caiu sem cessar o dia todo, e dizem que vai continuar a noite inteira. Mal consigo ver além do limite da cidade ao norte — o mundo fica perdido em uma cerração branca. Durante o dia, quando o céu está claro, é possível ver o borrão azul da água na Baía de Biscay. Mas não com este clima, e não consigo deixar de imaginar o que pode estar escondido no meio de todo aquele branco além do meu campo de visão.

Olho para trás. Na sala de pé-direito alto e cheia de correntes de ar há dois computadores. Para usá-los é preciso pôr o nome em uma lista e esperar a vez. À noite, o limite de uso é de dez minutos, se houver alguém esperando, e de vinte, se não houver. As duas meninas sentadas à frente deles agora já estão ali há meia hora, e minha paciência está acabando. Não vejo as notícias desde a manhã, quando vim rapidamente aqui antes do café. Não havia novidades sobre John Smith, mas estou quase tremendo de ansiedade quanto ao que pode ter surgido desde então. Desde que a história começou, todo dia uma notícia nova é veiculada.

Santa Teresa é um convento que funciona também como orfanato para meninas. Atualmente, sou a mais velha de trinta e sete meninas, posição que ocupo há seis meses, quando a última que completou dezoito anos foi embora. Aos dezoito, todas nós temos de escolher entre deixar o orfanato e se virar por conta própria ou adotar a vida na Igreja. De todas as que chegaram aos dezoito, nenhuma ficou. Não posso culpá-las. Faltam menos de cinco meses para o aniversário que Adelina e eu inventamos para mim quando chegamos, e então eu também completarei dezoito anos. Como as outras, pretendo deixar esta prisão, com ou sem Adelina. E é difícil imaginar que ela queira me acompanhar.

O convento propriamente dito foi construído todo de pedra em 1510 e é grande demais para o pequeno número de pessoas que vive nele. A maioria dos quartos está vazia, e os que não estão têm aspecto úmido e rústico, e nossa voz ecoa até rebater no teto. A construção se situa no topo da colina mais alta sobre o vilarejo de mesmo nome, aninhado entre as Montanhas Picos da Europa, no norte da Espanha. Como o convento, o vilarejo também é feito de pedras, com muitas estruturas construídas diretamente na encosta da montanha. Caminhando pela rua mais importante da cidade, a Calle Principal, é impossível não perceber o péssimo estado de conservação. É como se aquele lugar tivesse sido esquecido pelo tempo, e os séculos tivessem transformado quase tudo em sombras de verde-musgo e marrom, com um cheiro de mofo que impregna o ar.

Há cinco anos comecei a implorar a Adelina que saíssemos dali, continuássemos em movimento, tal como fomos orientadas a fazer.

“Logo vou desenvolver meus Legados, e não quero que isso aconteça aqui, com todas essas meninas e freiras por perto”, eu lhe disse à época.

Mas ela se recusou a deixar o convento, citando La Biblia Reina Valera para dizer que devemos esperar quietos pela salvação. Desde então, repito minha súplica todos os anos, e ela sempre olha para mim

com o semblante vazio, rejeitando minha sugestão com uma citação religiosa diferente. Mas eu sei que minha salvação não está aqui.

Para além dos portões do convento e da encosta suave da colina, posso ver o brilho pálido das luzes da cidade. Em meio à nevasca, elas parecem halos flutuantes. Embora não consiga ouvir a música de nenhuma das duas tabernas, tenho certeza de que ambas estão lotadas. Mais adiante há um restaurante, um café, um mercado, uma mercearia e vários vendedores ambulantes que ocupam as calçadas da Calle Principal durante quase todos os dias, pela manhã e à tarde. Perto do pé da colina, no limite sul da cidade, fica a escola que frequentamos, um edifício de alvenaria.

Viro a cabeça de repente, ao ouvir o sino: faltam cinco minutos para as orações, e depois é hora de irmos para a cama. Sou tomada pelo pânico. Preciso saber se há alguma novidade. Talvez John tenha sido capturado. Talvez a polícia tenha encontrado mais alguma coisa na escola destruída, algo que tivesse passado despercebido antes. Mesmo que não haja nada de novo, preciso saber. Caso contrário, não vou conseguir dormir.

Com uma expressão zangada, encaro Gabriela García — Gabby, para simplificar —, que está diante de um dos computadores. Gabby tem dezesseis anos e é muito bonita, com longos cabelos escuros e olhos castanhos; ela sempre se veste de forma vulgar quando está fora do convento, e usa blusas justas que deixam à mostra o *piercing* no umbigo. Todas as manhãs veste roupas largas e folgadas, mas, assim que saímos do campo de visão das irmãs, ela as tira, revelando um traje muito mais justo e curto por baixo. E então passa o restante do caminho até a escola aplicando maquiagem e ajeitando o cabelo de maneira diferente. As quatro amigas dela, três das quais também vivem no convento, fazem o mesmo. E, quando o dia termina, elas limpam o rosto na caminhada de volta e se cobrem com as roupas originais.

— O que é? — Gabby me pergunta com uma voz arrogante, ao me encarar de volta. — Estou escrevendo um e-mail.

— Estou esperando há mais de dez minutos — respondo. — E você não está escrevendo um e-mail. Está olhando fotos de caras sem camisa.

— E daí? Vai me denunciar, dedo-duro? — ela pergunta, debochada, como se falasse com uma criança.

A garota a seu lado, que se chama Hilda, embora a maioria do pessoal da escola a chame de La Gorda, “a gorda” (pelas costas, nunca na cara), ri.

Gabby e La Gorda são inseparáveis. Mordo a língua e me viro novamente para a janela, cruzando os braços sobre o peito. Estou fervendo por dentro, em parte porque preciso usar o computador, mas também porque nunca sei como responder quando Gabby debocha de mim. Restam quatro minutos. Minha impaciência se transforma em completo desespero. Pode ser que neste momento haja alguma notícia — um furo! —, mas não tenho como descobrir, porque essas cretinas egoístas não saem de nenhum dos computadores.

Faltam três minutos. Estou quase tremendo, de tanta raiva que sinto. Mas então uma ideia surge, e um sorriso se esboça em meus lábios. É arriscado, mas valerá a pena, se der certo.

Eu me viro apenas o suficiente para ver a cadeira de Gabby pelo canto do olho. Respiro fundo e, concentrando toda minha energia naquela cadeira, uso meu poder de telecinesia para empurrá-la para a esquerda. Depois a empurro para a direita com tanta força que ela quase tomba. Gabby se levanta e grita. Olho para ela fingindo surpresa.

— Que foi? — pergunta La Gorda.

— Não sei; foi como se alguém tivesse acabado de chutar minha cadeira. Você não sentiu nada?

— Não — responde La Gorda; e, assim que a palavra é pronunciada, movo sua cadeira alguns centímetros para trás, e depois para a direita, sem nunca sair de meu lugar próximo à janela. Dessa vez as duas garotas gritam. Empurro a cadeira de Gabby, depois a de La Gorda de novo, e, sem voltar a olhar para a tela do computador, as garotas fogem da sala aos berros.

— Oba! — comemoro. Corro para o computador que Gabby estava usando e digito rapidamente o endereço do site de notícias que considero mais confiável. Depois espero, impaciente, a página carregar. Os computadores velhos, combinados à lentidão da Internet aqui, são o tormento de minha existência.

A página fica toda branca e, linha a linha, se completa. Quando um quarto dela está carregado, ouço o último toque do sino. Um minuto para as orações. Estou disposta a ignorar o sino, mesmo correndo o risco de ser castigada. A essa altura, não me importo mais.

— Mais cinco meses — sussurro para mim mesma.

Metade da página já está visível, revelando a parte de cima do rosto de John Smith, com seus olhos dirigidos para o alto, escuros e confiantes, embora haja neles uma espécie de desconforto que parece quase deslocado. Eu me inclino para a frente ansiosa, esperando, sentindo a agitação que cresce em mim e faz minhas mãos tremerem.

— Vamos! — digo para a tela, tentando em vão acelerar o processo.
— Vamos, vamos, vamos!

— Marina! — alguém vocifera da porta aberta. Eu me viro e vejo irmã Dora, uma mulher encorpada que é a chefe da cozinha, e que me fuzila com os olhos. Nenhuma novidade. Ela fuzila com os olhos todo mundo que entra na fila do almoço segurando uma bandeja, como se nossas necessidades alimentares fossem uma ofensa pessoal. Ela pressiona os lábios, que formam uma linha reta perfeita, e semicerra os olhos. — Venha. Agora! E quero dizer agora *mesmo*!

Suspiro, pois sei que não tenho alternativa. Limpo o histórico do navegador e encerro o programa, e depois sigo irmã Dora pelo corredor escuro. Havia algo de novo naquela tela; tenho certeza. Por que outra razão o rosto de John ocuparia a página inteira? Uma semana e meia é tempo suficiente para que qualquer notícia se torne velha; então, o fato de ele ocupar tanto espaço da tela significa que há alguma informação nova relevante.

Caminhamos pela nave da igreja de Santa Teresa, que é enorme, com teto alto, abobadado, sobre pilares gigantescos, e janelas de vitrais ao longo das paredes. Bancos de madeira ocupam toda a extensão do espaço amplo, e é possível acomodar quase trezentas pessoas sentadas. Irmã Dora e eu somos as últimas a entrar. Eu me sento sozinha em um dos bancos centrais. Irmã Lucia, que abriu a porta para mim e Adelina quando chegamos e ainda está no comando do convento, sobe no púlpito, fecha os olhos, abaixa a cabeça e une as mãos na frente do corpo. Todas as outras fazem o mesmo.

— *Padre divino* — a prece começa num uníssonosombrio. — *Que nos bendiga y nos proteja en su amor...*

Eu me desligo e olho para as cabeças diante de mim, todas abaixadas em concentração. Ou apenas abaixadas. Vejo Adelina sentada na primeira fileira, seis bancos à frente do meu e um pouco para a direita. Ela está ajoelhada, meditando profundamente, e o cabelo castanho está preso em uma trança firme que desce até o meio das costas. Adelina não levanta a cabeça nem uma vez, não tenta me encontrar no fundo da igreja, como fazia nos nossos primeiros anos aqui, compartilhando comigo um sorriso discreto sempre que nossos olhares se cruzavam, pensando em nosso segredo. Ainda temos esse segredo, mas, em algum momento nessa longa caminhada, Adelina deixou de pensar nele. Em algum momento o plano de esperarmos até que nos sentíssemos fortes e seguras o bastante para partir foi substituído pelo desejo — ou pelo medo — de Adelina de simplesmente ficar.

Antes da notícia sobre John Smith, que contei a Adelina assim que foi divulgada, fazia meses que não falávamos de nossa missão. Em setembro eu mostrei a ela minha terceira cicatriz, o terceiro aviso de que outro Garde tinha morrido, e de que ela e eu estávamos um passo mais próximas de ser caçadas e mortas pelos mogadorianos, e ela reagiu como se nada daquilo existisse. Como se aquilo não tivesse o significado que sabíamos ter. Depois de ouvir a notícia sobre John, ela

simplesmente revirou os olhos e me aconselhou a parar de acreditar em contos de fada.

— *En el nombre del Padre, y del Hijo, y del Espíritu Santo. Amén* — elas disseram, e todas na igreja acompanharam a última frase com o sinal da cruz, inclusive eu, para preservar as aparências: testa, umbigo, ombro esquerdo, ombro direito.

Eu estava dormindo, sonhando que descia correndo a encosta da montanha com os braços abertos, como se estivesse a ponto de levantar voo, quando acordei com a dor e o brilho da terceira cicatriz surgindo em torno da minha canela. A luz acordou várias meninas no dormitório, mas, felizmente, não a irmã supervisora. As meninas acharam que eu tivesse uma lanterna e uma revista embaixo das cobertas e que estava desrespeitando as regras quanto ao horário de dormir. Na cama a meu lado, Elena, uma menina discreta de dezesseis anos com cabelos negros que ela sempre enfiava na boca quando falava, jogou um travesseiro em minha direção. Minha pele começou a borbulhar, e a dor era tão intensa que tive de morder a barra do cobertor para ficar quieta. Não pude deixar de chorar, porque, em algum lugar, o Número Três, ou a Número Três, perdera a vida. Agora, éramos apenas seis.

Hoje saio da igreja com as outras meninas e vou para nosso dormitório cheio de beliches que rangem, alinhados a espaços regulares, mas estou elaborando um plano. Para compensar as camas duras e o frio do piso de concreto de todos os cômodos, os lençóis são macios e os cobertores, pesados, único luxo a que temos direito. Minha cama fica no canto mais afastado da porta, que é o lugar mais disputado; é o mais silencioso, e eu levei muito tempo para chegar lá, mudando uma cama de cada vez sempre que uma garota ia embora.

As luzes são apagadas assim que todas se acomodam. Fico deitada de costas, olhando para os contornos escuros do alto teto entalhado. Um ou outro sussurro quebra o silêncio, e é seguido imediatamente

pelo pedido da irmã supervisora da noite, que exige que todas se calem. Fico de olhos abertos, esperando impacientemente que todas adormeçam. Após meia hora, os sussurros emudecem, substituídos pelos sons suaves do sono, mas ainda não me atrevo a arriscar. É muito cedo. Mais quinze minutos sem nenhum ruído. Então não consigo mais esperar.

Prendo o fôlego e movo as pernas lentamente para a beirada da cama, ouvindo o ritmo da respiração de Elena na cama ao lado da minha. Meus pés tocam o chão gelado e ficam imediatamente frios. Levanto-me devagar para evitar o rangido da cama e caminho na ponta dos pés pelo dormitório em direção à porta, sem pressa, tomando cuidado para não esbarrar em nenhum dos beliches. Alcanço a porta aberta e saio rapidamente para o corredor e vou até a sala dos computadores. Puxo a cadeira e aperto o botão para ligar a máquina.

Espero aflita o sistema carregar, sempre olhando para a porta a fim de ver se alguém me seguiu. Finalmente consigo digitar o endereço do site e a tela fica branca, e depois duas fotos tomam forma no centro da tela, cercadas por um texto, tudo sob uma manchete em letras pretas em negrito que estão desfocadas demais para que eu possa ler. Agora são duas imagens — fico imaginando o que pode ter mudado desde que tentei acessar antes. E então, enfim, a manchete fica nítida.

TERRORISTAS INTERNACIONAIS?

John Smith, com seu queixo quadrado, cabelos claros desalinhados e olhos azuis, ocupava o lado esquerdo da página, enquanto Henri, seu pai — ou, provavelmente, seu Cêpan —, ocupava o direito. A dele não era uma fotografia, mas um retrato falado em preto e branco feito a lápis. Passo direto pelos detalhes que já conheço — a escola destruída, cinco mortes, desaparecimento repentino — e então encontro o furo que só agora foi divulgado:

Em uma reviravolta extraordinária, investigadores do FBI descobriram hoje o que acreditam ser ferramentas de um falsificador profissional. Várias máquinas utilizadas para criar documentos foram encontradas na casa alugada por Henri e John Smith, em Paradise, Ohio, em um alçapão sob as tábuas do piso do quarto principal, o que levou os investigadores a considerar possíveis ligações com o terrorismo. Provocando comoção na comunidade de Paradise, Henri e John Smith são agora fugitivos, considerados uma ameaça à segurança nacional, e os investigadores pedem toda e qualquer informação que possa levar ao paradeiro dos dois.

Subo a tela para olhar novamente a imagem de John, e, quando meus olhos encontram os dele, minhas mãos começam a tremer. Seus olhos... mesmo nesse desenho há algo familiar neles! Como eu poderia conhecê-los, se não da jornada de um ano que nos trouxe até aqui? Agora ninguém vai me convencer de que ele não é um dos seis Gardes remanescentes ainda vivos neste mundo que não é o nosso.

Eu me recosto na cadeira e sopro a franja para longe de meus olhos, desejando poder ir eu mesma procurar John. É claro que Henri e John Smith são capazes de fugir da polícia; eles têm permanecido ocultos já faz onze anos, como Adelina e eu. Mas como posso ter esperança de encontrá-lo, se o mundo todo o procura agora? Como qualquer um de nós pode achar que vai encontrar o outro?

Os olhos dos mogadorianos estão em todos os lugares. Não sei como Um e Três foram encontrados, mas acredito que acharam Dois por causa de uma mensagem que ele ou ela havia escrito em um blog. Eu li a mensagem, e depois fiquei ali sentada uns quinze minutos pensando na melhor maneira de responder sem me delatar. Apesar de a

mensagem propriamente dita ter sido obscura, era bastante óbvia para nós que estávamos procurando: **Nove, agora oito. O restante de vocês está por aí?** A mensagem fora enviada de uma conta chamada Dois. Eu havia colocado meus dedos sobre o teclado e digitado uma resposta rápida, e, um instante antes de clicar em Enviar, a página atualizara — alguém tinha respondido antes.

Estamos aqui, dizia a mensagem.

Meu queixo caiu, e eu fiquei encarando a tela, completamente em choque. Aquelas duas mensagens me haviam enchido de esperança, mas, enquanto eu ainda digitava uma resposta diferente, uma luz brilhante surgiu a meus pés, e o chiado de carne sendo queimada veio até meus ouvidos, e logo em seguida eu senti uma dor de queimadura tão grande que caí no chão, retorcendo-me em agonia, chamando por Adelina aos berros com toda a força dos pulmões, segurando o tornozelo com ambas as mãos, para que ninguém pudesse vê-lo. Quando Adelina chegou e percebeu o que estava acontecendo, eu apontei para a tela, mas ela estava vazia; as duas mensagens haviam sido deletadas.

Paro de fitar os olhos familiares de John Smith no monitor. Ao lado do computador há uma pequena flor esquecida sobre a mesa. Ela está murcha e cansada, encolhida à metade de seu tamanho normal, com um tom marrom ressecado na borda das folhas. Várias pétalas estão caídas na mesa em torno do vaso, secas e enrugadas. A flor ainda não está morta, mas não falta muito. Eu me inclino para a frente e junto as mãos em concha em torno dela, aproximo meu rosto o suficiente para tocar com os lábios a beirada das folhas, e sopro ar quente nela. Um arrepio gelado percorre minhas costas e, em resposta, a vida reaparece na pequena flor. Ela se empertiga, e um verde exuberante se espalha pelas folhas e o caule, e novas pétalas brotam, inicialmente sem cor, depois se tingindo de um roxo radiante. Um sorriso travesso se abre em meu rosto, e não consigo deixar de pensar em como as irmãs reagiriam se vissem o que fiz. Mas nunca vou permitir que isso aconteça. Seria mal-

-interpretada, e não quero ser jogada ao relento. Não estou preparada para isso. Logo estarei, mas agora ainda não.

Desligo o computador e volto às pressas para a cama, pensando em John Smith, que está em algum lugar lá fora.

Proteja-se e continue escondido, eu penso. Nós ainda vamos nos encontrar.